

# Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

(Organizadora)

# **Sexualidade e Relações de Gênero**

## **3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3)  Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609  1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 306.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906096</b>	

**CAPÍTULO 7 ..... 70**

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

*Carle Porcino*

*Cleuma Sueli Santos Suto*

*Dejeane de Oliveira Silva*

*José Andrade Almeida Junior*

*Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*

*Jeane Freitas de Oliveira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906097**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

*Fabiana Duarte e Silva*

*Francielle Pereira Santos*

*Ludmila Nunes Mourão*

*Marília Martins Bandeira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906098**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Nívia Madja dos Santos*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906099**

**CAPÍTULO 10 ..... 102**

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060910**

**CAPÍTULO 11 ..... 107**

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

*Kariane Camargo Svarcz*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060911**

**CAPÍTULO 12 ..... 119**

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

*Maria Izabel Machado*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060912**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>162</b>
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Claudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>206</b>
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabricia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

**CAPÍTULO 21 ..... 219**

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

*Ângela Kaline da Silva Santos*

*Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida*

*Lucicleide Cândido dos Santos*

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

**CAPÍTULO 22 ..... 230**

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

*Paula Land Curi*

*Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

**CAPÍTULO 23 ..... 242**

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Ângela Maria Simão Ribeiro*

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

**CAPÍTULO 24 ..... 252**

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Jussara Silva da Costa*

*Polena Valesca de Machado e Silva*

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

**CAPÍTULO 25 ..... 264**

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

*Suélem do Sacramento Costa de Moraes*

*Bárbara Hees Garré*

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

**CAPÍTULO 26 ..... 271**

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

*Jaqueline Tubin Fieira*

*Franciele Lorenzi*

*Giseli Monteiro Gagliotto*

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

**CAPÍTULO 27 ..... 283**

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Francielen Leandro Apolinário*

*Evelly Paat Sampaio da Silva*

*Elisângela Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

**CAPÍTULO 28 ..... 291**

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

*Evaldo Batista Mariano Júnior*

*Maria Aparecida Algusto Satto Vilela*

*Valeska Guimarães Rezende da Cunha*

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

**CAPÍTULO 29 ..... 311**

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

*Libna Pires Gomes*

*Paula Land Curi*

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

**CAPÍTULO 30 ..... 321**

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

*Mariluce Vieira Chaves*

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

**CAPÍTULO 31 ..... 331**

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

*Daniel Cerdeira de Souza*

*Tirza Almeida da Silva*

*Sônia Maria Lemos*

*Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato*

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

**CAPÍTULO 32 ..... 336**

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

*Solange Aparecida de Souza Monteiro*

*Paulo Rennes Marçal Ribeiro*

*Valquiria Nicola Bandeira*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Andreza de Souza Fernandes*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Isabel Cristina Correia Cruz*

*Fernando Sabchuk Moreira*

*Ana Paula Sabchuk*

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

**CAPÍTULO 33 ..... 348**

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

*Fabíola Calazans*

*Vanessa Santos de Freitas*

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>360</b>
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060934</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>370</b>
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060935</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>376</b>
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060936</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>387</b>
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060937</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>402</b>

## SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

**Jaqueline Tubin Feira**

UNISEP, Francisco Beltrão - PR

**Franciele Lorenzi**

UNIOESTE, Francisco Beltrão - PR

**Giseli Monteiro Gagliotto**

UNIOESTE, Francisco Beltrão - PR

### SEXUALITY AND SCHOOL: THE DEVELOPMENT OF CHILD SEXUALITY FROM PSYCHOANALYSIS

**ABSTRACT:** This article is a result of the Master's Degree in Education research, of the stricto sensu postgraduate program, at UNIOESTE - Francisco Beltrão. The purpose of this paper is to discuss, theoretically, the history of infantile sexuality in order to raise the contradictions, limitations and possibilities in relation to the psychosexual development and to present how the discussions are configured in the school spaces. We start from a bibliographical review of the studies of Freud (1996, 1997 and 2002) and classical psychoanalytic theory. Based on research in the Field of Human Sciences, we seek to overcome the biological view of sexuality and point out the political, economic and cultural dimensions of an emancipatory Sexual Education.

**KEYWORDS:** Sexuality; Psychoanalysis; psychosexual development; schooling.

**RESUMO:** O presente artigo é resultado das pesquisas de Mestrado em Educação, do programa de pós - graduação stricto sensu, da UNIOESTE – campus de Francisco Beltrão. O objetivo deste trabalho é discutir teoricamente, a história da sexualidade infantil no intuito de levantar as contradições, as limitações e as possibilidades em relação ao desenvolvimento psicosssexual e apresentar como as discussões se configuram nos espaços escolares. Partimos de uma revisão bibliográfica dos estudos de FREUD (1996; 1997; 2002) e da teoria psicanalítica clássica. Pautadas em pesquisas no Campo das Ciências Humanas, procuramos superar a visão biologista da sexualidade e apontamos as dimensões política, econômica e cultural para uma Educação Sexual emancipatória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade; Psicanálise; desenvolvimento psicosssexual; educação escolar.

### 1 | INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços em relação à sexualidade, falar sobre a temática como algo inerente à criança está longe de se tornar realidade. Enfrentamos muitos mitos e tabus.

No final do século XIX, Freud, através da Psicanálise, revolucionou a compreensão acerca da sexualidade infantil, ao defender que a sexualidade acompanha o sujeito desde o nascimento até a morte.

Nesse sentido, a partir do conhecimento psicanalítico e do desenvolvimento psicosexual infantil, procuramos superar a visão puramente biologista da sexualidade e apontamos também, as suas dimensões sociais e psicológicas. Apontamos a escola como um espaço para promover a igualdade e a valorização das singularidades de todas as pessoas que a constituem.

## 2 | O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL EM FREUD

“Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual” (FREUD, 1905/2002, p. 163).

Pelo fato do sexo, no decorrer da história ocidental, ser visto e tratado como algo ‘feio’, ‘sujo’, e até ‘pecaminoso’, observamos, claramente, a herança destes conceitos nos dias atuais. Discutir sobre sexualidade é um tabu e, este fator sofre um agravante quando as questões estão em torno do desenvolvimento da sexualidade na criança.

Para tanto, primeiramente, ressaltamos as diferenças entre sexo e sexualidade. Estes conceitos não podem ser compreendidos e tratados como sinônimos; portanto, é um erro reduzir a sexualidade ao sexo, ou seja; tratá-la, puramente, como aspecto biológico, pertencente à hereditariedade humana ou pelo ato sexual em si.

A ideia de homem fragmentado ainda predomina e é a partir dela que, muitas vezes, entendemos a sexualidade humana como restrita aos nossos genitais, ocupando uma pequena parcela do corpo biológico, desvinculada das emoções e descontextualizada das relações sociais (GAGLIOTTO, FAUST e SANTOS, 2012, p. 03).

O sexo é a nossa marca biológica, hereditária, é a condição orgânica que nos define e nos diferencia enquanto “machos” e “fêmeas”, seja, em seres humanos, plantas ou animais. Além disso, é comum usarmos a palavra para nos referirmos: aos órgãos sexuais/genitais, ao ato sexual ao conjunto de pessoas que pertencem ao mesmo sexo (FREITAS, CARVALHO e FÁVERO, 2013).

Já a definição de sexualidade é mais complexa e desafiadora. Destacamos o conceito da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002, p. 03) acerca da sexualidade: “uma dimensão biológica, psicológica, social, econômica, política, cultural, ética, legal, histórica, religiosa e espiritual”. A sexualidade é a nossa marca humana, que nos acompanha por toda a vida e que envolve o sexo, a identidade, os papéis de gênero, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. A sexualidade

é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Se a sexualidade pode incluir todas essas dimensões, nem todas elas são experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (Organização Mundial da Saúde - OMS, 2002).

Nesta perspectiva, trazemos a contribuição de Nunes e Silva (1997), ao apontarem que a sexualidade, trata de uma das dimensões fundamentais da existência humana, que envolve o relacionamento humano de forma profunda, incluindo, o desejo, o prazer e a afetividade. “A sexualidade configura-se como uma dimensão ontológica essencialmente humana” (p. 23). Portanto, a sexualidade humana não está sujeita ao determinismo animal, restrita às leis dos instintos e da biologia, já que contém a consciência, a intencionalidade, a experiência do sujeito humano, sendo esta “uma dimensão dinâmica, dialética e processual” (p. 23).

A sexualidade é uma energia, uma força vital, um impulso que pode encontrar várias formas de expressão. Ela está presente desde antes do nascimento, na formação dos órgãos genitais, e está em todas as experiências emocionais e construções afetivas do ser humano. A sexualidade se apresenta de diferentes formas, transformando-se ao longo dos anos (FREITAS, CARVALHO E FÁVERO, 2013).

Com tais definições em pauta, sublinhamos que a sexualidade engloba tanto a dimensão biológica, que é “da natureza”, como também é o resultado de “uma invenção social”, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes e produzem “verdades” (FREITAS, CARVALHO E FÁVERO, 2013). A sexualidade é uma energia que influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Após a diferenciação entre os conceitos de sexo e de sexualidade, retornamos a um dos pilares da teoria Freudiana, de tamanha importância quanto a descoberta do inconsciente. Referimo-nos, à descoberta de Freud, publicada no texto: ‘Três ensaios sobre Teoria da sexualidade’ em 1905, acerca do desenvolvimento da sexualidade infantil. Freud (1905/2002, p. 163) escreveu que “nenhum autor, ao que eu saiba, reconheceu (...) a pulsão sexual na infância, nos escritos já numerosos sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre ‘Desenvolvimento sexual’ costuma ser omitido”.

De acordo com Zorning (2008), Freud revolucionou a compreensão acerca da sexualidade infantil, ao ampliar, radicalmente, o conceito de sexualidade tradicional, de concepção naturalista, no final do século XIX. O autor propôs uma concepção de sexualidade mais ampla, que tem início com a construção do psiquismo e acompanha o ser humano até o fim da vida. Na época, era considerado anormal e até perverso, por exemplo, práticas como, a impossibilidade do ato sexual - no caso de impotência, a busca pelo prazer sexual e a masturbação infantil.

Freud, ao questionar a concepção clássica da sexualidade humana quanto instinto, se afastou da moral repressora difundida na época, de que a sexualidade se iniciava na puberdade e para os fins de reprodução. Assim, defendeu a compreensão de sexualidade humana não instintiva, por meio da qual, o ser humano é capaz de buscar e sentir prazer, por diferentes esferas (ZORNING, 2008).

Bidaud (2013) aborda que, com a publicação, de 1905, acerca do desenvolvimento psicosssexual, a psicanálise escandalizou a sociedade da época, por “ter sexualizado a criança e infantilizado a sexualidade do adulto” (p. 320). Freud marcou a história, ao revelar que o desenvolvimento da sexualidade inicia na infância com o autoerotismo, portanto, nas primeiras fases do desenvolvimento da sexualidade, que antecedem a puberdade, o prazer é encontrado no próprio corpo.

No chuchar ou sugar com leite já podemos observar (...) características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo auto erótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis (FREUD, 1917/1996, p. 111 - 112).

Destacamos que o autoerotismo, não é uma etapa primeira, que se origina de forma espontânea. Assim como o narcisismo, o autoerotismo surge da necessidade da relação com o outro, neste caso, da criança com o adulto, ou seja; a alteridade é essencial no início da vida, para o desenvolvimento da criança. Portanto, o desenvolvimento da sexualidade infantil, ocorre de forma interdependente, com o adulto, que cumpre a função do outro primordial (BIDAUD, 2013).

Freud (1917/1996) apropriou-se do termo autoerotismo, inicialmente descrito por Havelock Ellis (1859-1939), para explicar os fenômenos como, a busca pelo seio materno pela criança já saciada. Neste caso, a criança procura a repetição de um prazer já vivenciado, um prazer já experimentado, que busca repetir. A zona erógena, no início da vida é a boca, e é por meio dela, que a criança busca a sobrevivência e tem suas primeiras experiências de prazer, portanto, a origem da sensação prazerosa. “A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas” (FREUD, 1917/1996, p. 111).

Zorning (2008) lembra que Freud utiliza o termo ‘apoia’ para demonstrar que, o desenvolvimento da sexualidade infantil, apoia-se na função de conservação da vida, mas que, separa-se desta função, para buscar a sensação de prazer, isto é; a satisfação que vai além do comportamento puramente instintivo. Assim, o bebê não procura o leite materno apenas para a satisfação orgânica, mas, deseja uma relação afetiva com a mãe, “que não se reduz à satisfação alimentar, apesar de se apoiar nela” (p. 02).

Nesta senda, Gagliotto (2014) destaca que, a atividade de mamar do bebê, é entendida como o conceito fundante da sexualidade para Freud; assim, a gênese da sexualidade humana. A sucção é reconhecida como um reflexo biológico e herdado,

portanto, além do prazer da satisfação, essa atividade provoca um prazer paralelo, desencadeado pelo contato da boca do bebê com o seio materno. Portanto, a boca é a primeira zona erógena, no desenvolvimento da sexualidade humana.

A propriedade erógena pode ligar-se de maneira mais marcante a certas partes do corpo. Existem zonas erógenas predestinadas, como mostra o exemplo do chuchar. Mas esse exemplo ensina também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa (FREUD, 1905/2002, p. 112).

O autor formula com estas descobertas, as fases do desenvolvimento psicosssexual, em que a criança descobre diferentes zonas erógenas no seu corpo. Nomeou as fases do desenvolvimento da sexualidade infantil como fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital. Todavia, essas etapas do desenvolvimento psicosssexual, não podem ser compreendidas, exclusivamente, como ligadas às zonas erógenas, mas também como “inscrições que se fazem no psiquismo a partir das relações estabelecidas entre a criança e os adultos que ocupam a função de pais” (ZORNIG, 2008, p. 03).

Gagliotto (2009), em consonância com as etapas do desenvolvimento psicosssexual, desenvolvidas por Freud, relata que a fase oral (0 a 1 ano) é a etapa do desenvolvimento infantil, no qual o prazer e a satisfação se encontram na boca, portanto, a boca representa o canal de comunicação entre a criança e o mundo.

Costa e Oliveira (2011) enfatizam que ao nascer, o bebê apresenta a boca e os lábios como zonas erógenas mais desenvolvidas. Estes órgãos são, portanto, os responsáveis pelas primeiras experiências de prazer. Logo, no início da vida, a sensação de satisfação e o instinto de sobrevivência estão relacionados.

O desenvolvimento da sexualidade é desvinculado do instinto, quando o bebê procura partes do próprio corpo para sugar, como os dedos, por exemplo. Com o passar dos meses, o bebê deixa de sugar apenas o seio materno, e busca partes, em seu corpo, que possam ser sugadas, portanto, o início da auto erotização na criança. Assim, a satisfação deixa de ser exclusivamente alimentar; a sexualidade é desviada do instinto e a criança experimenta a sensação de independência do mundo externo (IBIDEM).

O bebê é um ser sexuado e para que o desenvolvimento do seu autoconhecimento seja adequado, mesmo iniciando de forma espontânea, necessita das relações com o meio no qual está inserido, para minimizar suas questões angustiantes. Assim, a sexualidade começa a ser desenvolvida durante as primeiras relações afetivas do bebê. Portanto, as relações entre o bebê e quem ocupa a função dos pais, são a base para o desenvolvimento da sexualidade humana e do desejo em aprender (COSTA E OLIVEIRA, 2011).

A segunda fase do desenvolvimento psicosssexual, descrita por Freud, como fase

anal, ocorre aproximadamente entre 1 a 3 anos de idade. Gagliotto (2014) menciona que essa etapa tem início quando a criança experimenta sensações corporais, por meio, do controle das fezes e da urina. Quando a criança consegue ter controle dos esfíncteres, nota que é aceita pela sociedade e, conseqüentemente, começa o processo de internalização das normas sociais.

A fase anal, assim nomeada, pelo fato de que no segundo e terceiro ano de vida, a região do ânus passa a ter grande importância na formação da personalidade, pois a energia libidinosa da criança está concentrada na região posterior do trato digestivo. O prazer das funções, da parte terminal do intestino, é comparado ao prazer obtido, na entrada do tubo digestivo, quando a criança estava na fase oral (COSTA E OLIVEIRA, 2011).

Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a medir um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erótica dessa parte do corpo seja originalmente muito grande. Integramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais dela provenientes e da frequência com que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital (FREUD, 1905/2002, p. 113).

D'Andrea (2001) lembra que na fase anal, as características orais não deixam de existir, apenas cedem lugar para outras atividades, das quais, a criança passará, gradativamente, de uma posição passiva e receptiva, para uma posição ativa. Nesta fase, sua habilidade muscular aumenta juntamente com o seu interesse pelo mundo exterior, assim, tem início a etapa das curiosidades e das exigências verbais. A criança desenvolve a capacidade de julgamento acerca da realidade e de antecipar situações, fatores que possibilitam maior tolerância à tensão.

O interesse pelas funções excretoras é destacado na criança na fase anal, ao assimilar que, as evacuações muito frequentes, causam nos pais, preocupações e cuidados redobrados. Há, portanto, duas etapas: a retensiva e a expulsiva. Na primeira etapa, a criança pode (inconscientemente) considerar as fezes como objeto interno, que será destruído, caso eliminado. Com as relações objetivas, a excreção assume a característica de prazer com a agressividade, portanto, sádica. Já na etapa retentiva, o prazer principal está na retenção das fezes, assim, o prazer é maior com o alívio pós-retenção; determinando uma estimulação intensamente prazerosa da mucosa retal. Por outro lado, pela falta da valorização dos adultos, em relação à evacuação, a criança pode, ainda, fantasiar que as fezes são materiais preciosos, que precisam ser guardados. Surge novamente o aspecto sádico, em vez de, “oferecer suas fezes de presente”, poderá retê-las como um gesto hostil aos pais (D' ANDREA, 2001).

O conteúdo intestinal (...) é tratado como parte do seu próprio corpo, representando o primeiro “presente”: ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação (FREUD, 1905/2002, p. 114).

Segundo D'Andrea (2001) há características peculiares, na criança nesta fase, que precisam ser mencionadas, como o fenômeno da angústia e a relação objetal. A criança estabelece, com o meio, a posição de doador e obtém relações interpessoais mais objetivas. Nesta fase, a criança nota que existem maneiras de conservar o amor dos pais e evitar punições, basta corresponder às exigências culturais impostas. Neste meandro, a angústia vem à tona, em virtude da antecipação, da criança com a desaprovação externa. Quando há exigências, além da tolerância da criança, ela terá dificuldade para antecipar respostas, experimentando um estado de ansiedade e ameaça permanente.

Notamos que a fase anal é a precursora do superego, na qual, as proibições dos pais são internalizadas gradativamente, e as proibições são acompanhadas, na criança, pelo medo de perder o amor dos pais. A criança, antes de realizar um ato proibido, por exemplo, olha para a figura de autoridade, para certificar-se sobre o consentimento para a realização da ação. Nesta fase, a criança apresenta impulsos contraditórios (amor/ódio) às pessoas significativas de seu mundo, com as quais estabelece suas relações objetais (D' ANDREA, 2001).

A terceira etapa do desenvolvimento psicosexual, que ocorre, aproximadamente, entre 3 e 6 anos de idade, é nomeada de fase fálica. Gagliotto (2014) relata que, nesta fase, a criança descobre os órgãos sexuais e, conseqüentemente, demonstra curiosidades pelas diferenças sexuais. Com a descoberta dos órgãos sexuais, a criança começa a manipulá-los, e pela sensação de prazer gerada com o toque, é comum, a criança repetir essa atividade.

Costa e Oliveira (2011) lembram que, na fase fálica, a energia libidínica encontra-se nos órgãos genitais, por isso, a tendências nas crianças, dessa idade, pela manipulação infantil.

Nas crianças tanto do sexo masculino quanto feminino, está ligada à micção (glândula, clitóris) e, nas primeiras, acha-se dentro de uma bolsa de mucosa, de modo que não pode faltar-lhe a estimulação por secreções que atacam precocemente a excitação sexual. As atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, são sem dúvida o começo da futura vida sexual "normal" (FREUD, 1905/2002, p. 176).

Freud (1905/2002) ensina a respeito de características corporais, específicas desta fase, que, inevitavelmente, serão notadas, na criança, como sensações prazerosas. Alguns exemplos são secreções as quais, os órgãos genitais, estão banhados, sua posição anatômica, a lavagem, que é necessária, por questões de higiene e cuidados com o corpo, e até os atritos acidentais dessa zona erógena.

Na fase fálica, como as sensações prazerosas estão nos órgãos genitais, essa parte do corpo ganha destaque e, conseqüentemente, as diferenças entre os sexos começam a ser notadas pelas crianças. A descoberta, das diferenças entre os sexos, causa na criança uma série de descobertas posteriores, que influenciarão seu psíquico e a vivência da sua sexualidade, na fase adulta.

Ao notar a existência de dois sexos (mulher e homem), inicialmente, a criança encara a situação sem nenhum desconforto. Mas, gradativamente, tornam-se comuns os questionamentos dos meninos, acerca da ‘falta’ do pênis nas meninas. Posteriormente, desconfia que o pênis possa ser perdido, o que gera medo e angústia no menino. Já nas meninas, ao observar que, anatomicamente, os meninos possuem um órgão que lhes falta, elas podem desenvolver o sentimento de inveja ciumenta do pênis e inclusive sentimentos de inferioridade (COSTA E OLIVEIRA, 2011). A psicanálise nomeia estas atividades, tanto no menino, como na menina, de complexo de castração.

Násio (1997), ao detalhar o complexo de castração, expõe os caminhos diferentes que essa atividade assume no menino e na menina. No menino, o complexo de castração é dividido em cinco tempos. No primeiro tempo, o menino supõe que todo mundo tem um pênis e carrega a crença de que não há diferenças anatômicas entre os órgãos sexuais. No segundo tempo, com a descoberta do corpo e do prazer oriundos da manipulação do pênis, o menino começa a mexer no seu órgão sexual e, conseqüentemente, sofrem ameaças, que visam proibir a criança de suas práticas auto eróticas. No terceiro tempo, o menino nota que há pessoas que não têm um pênis, como a irmãzinha ou as amiguinhas, e desenvolve a angústia de também, um dia, ficar sem tal órgão. Portanto, associa as ameaças do tempo anterior, com a possibilidade de perder o pênis. No quarto tempo, o menino que ainda acreditava que as mulheres mais velhas e respeitáveis, como a mãe possuíam pênis, descobre que elas também são desprovidas dele. E finalmente, no tempo final, o menino, para salvar o pênis, renúncia à mãe como parceira e reconhece a lei paterna.

Na menina, conforme apontado por Násio (1997) o complexo de castração, ocorre de forma diferente, dividindo-se em quatro tempos. No primeiro tempo, a menina ignora as diferenças anatômicas entre os órgãos sexuais. No segundo tempo, a menina ao observar anatomicamente, que os meninos possuem um órgão maior e mais visível que o dela, supõe imediatamente, que lhe falta algo, daí torna-se vítima da inveja do pênis. No terceiro tempo, a menina descobre que a mãe também não tem um pênis, e então despreza a mãe, por ter herdado seus atributos físicos. Essa descoberta leva a menina a separar-se da mãe e desenvolver um apego maior pelo pai. E no tempo final, há o início, propriamente dito, do complexo de Édipo (tema que discutiremos no próximo tópico) quando a menina escolhe o pai como objeto de amor.

No menino, o complexo de castração e o complexo de Édipo iniciam e encerram ao mesmo tempo. Já na menina, embora o complexo de Édipo inicie com o complexo de castração, não encerra com ele, pelo contrário, o término deste abre caminho para o início daquele. É o término do complexo de castração que marca a escolha do pai como objeto de amor, pela menina.

Cabe, neste momento, fazer uma ressalva que, na psicanálise, a primazia do Falo não significa a primazia do pênis. Muito embora Freud tenha utilizado, raramente, o termo Falo e esboçado a diferença entre pênis e Falo, coube à Lacan, detalhar

essa distinção e elevar o vocábulo ‘Falo’ para além do órgão genital masculino, como exposto por Násio (1997, p. 33):

Quando Freud insiste no caráter exclusivamente masculino na libido, não é de libido peniana que se trata, mas de libido fálica. O elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão genital masculino, mas a representação construída com base nessa parte anatômica do corpo do homem. A prevalência do Falo significa que a evolução sexual infantil e adulta ordena-se conforme esse pênis imaginário – chamado Falo – esteja presente ou ausente no mundo dos seres humanos.

Nesta fase, Freud (1924/2011) ensina que, os órgãos genitais, assumem o papel condutor do desenvolvimento sexual da criança. Entretanto, como o genital feminino ainda não foi descoberto, o genital condutor é o masculino. Násio (1997) esclarece que o objeto central não é órgão anatômico peniano, mas a representação deste. O que está em jogo é a representação psíquica, daquilo que é percebido, pela criança, como atributo possuído por alguns e ausente em outros.

Vimos que, na fase fálica, a libido se encontra nos órgãos sexuais. Gagliotto (2014) aponta que nesta fase, as crianças desenvolvem, com mais frequência, a iniciativa e o gosto pelos jogos de cunhos sexuais, como brincar de papai e mamãe, brincadeiras de casinha, de médico, etc. Nesta fase, há também, o desenvolvimento do complexo de Édipo, tema central para a psicanálise, que será discutido no próximo tópico.

A partir dos três anos, portanto, quando os esfíncteres já estão controlados, a criança percebe, com mais clareza, o mundo que a rodeia. Desenvolve o interesse pelo ambiente e começa indagar sobre o significado e as causas dos fatos; tais atitudes aumentam o interesse pelo próprio corpo, principalmente, pelos órgãos genitais. Há também, um desejo, mais intenso, pelo contato com o outro do sexo oposto (D’ANDREA, 2001).

A próxima etapa do desenvolvimento psicosssexual, conforme apontada por Freud (1923/2011) é a fase de latência. Esta fase, que é a substitutiva do apogeu atingido na fase fálica, tem a função de brandar a energia sexual na criança. No período de latência, há a interrupção do desenvolvimento da libido, que se desloca dos seus objetivos sexuais para objetivos socialmente aceitos, como a arte ou os esportes, por exemplo.

Após os seis anos de idade até os dez, aproximadamente, o desabrochar vivaz da sexualidade é tomado pelas repressões; e a quarta fase está instaurada. Na fase da latência, que dura até a puberdade, as formações reativas são assimiladas, por meio, da moral, da vergonha e do nojo (FREUD, 1923/2011).

Costa e Oliveira (2011) lembram que, nesta fase, a educação pode representar um meio, para a criança desviar sua energia sexual. Visto que, neste período, a energia sexual não é cessada, ela apenas encontra outro caminho, ou seja, é desviada para atividades aceitas socialmente. “Estudos afirmam que o desvio das

forças pulsionais sexuais, denominado de sublimação, torna-se componente para as realizações culturais” (p. 13).

Dolto (1996) corrobora que a criança se desenvolve de forma harmônica, após a renúncia do amor incestuoso. A autora insiste que as respostas às perguntas infantis, também devem ser harmônicas e verdadeiras, visto que, demonstram a curiosidade sadia e o desejo em aprender da criança. Para tanto, pais e professores, precisam respeitar e estimular as imaginações, a vida lúdica e as afinidades afetivas de cada criança.

Finalmente, a quinta etapa do desenvolvimento sexual é a fase genital, que ocorre a partir dos 10 anos de idade. Freud (1925/2011) relata que “na vida sexual da puberdade há uma luta entre os impulsos dos primeiros anos e as inibições do período de latência” (p. 98), portanto, nesta etapa, são reavivados os impulsos e investimentos objetivos, das fases anteriores.

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal e definitiva. Até este momento, a pulsão sexual era predominantemente auto erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente uma das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado na zona genital (FREUD, 1905/2002, p. 127).

A puberdade completa o quadro da sexualidade infantil. Na última fase, portanto, do desenvolvimento da sexualidade infantil, as inspirações sexuais voltam-se para uma única pessoa, com a qual, tem a intenção de realizar seus objetivos sexuais. A partir da fase genital, a sexualidade não é mais encontrada, apenas, no próprio corpo, e a escolha do objeto sexual, requer o abandono das pulsões sexuais parciais infantis. Na puberdade, há a primazia na genitália, portanto, a única fase em que a organização sexual, volta-se para as intenções de reprodução (FREUD, 1905/2002).

Nesta senda, Dolto (1996) aborda que, com a chegada da puberdade, há o surgimento “dos obstáculos ao desejo que não foram retirados pela proibição do incesto” (p. 266). Complementamos que as angústias infantis, oriunda, de questões não desmanteladas na fase fálica, que ficaram canalizadas durante o período de latência, ressurgem na puberdade. Novamente, a participação dos pais é fundamental, para conduzir o adolescente, desta etapa, a liberar os desejos por todos os objetos familiares, que por ventura, persistem.

Freud insiste que a sexualidade infantil é própria da vida humana, e vai além, ao configurar, como as regras sociais reprimem toda a atividade sexual infantil. “Freud passa a incomodar não só pais e educadores, mas toda uma comunidade científica que se encontrava, até então, muito confortável e protegida por seus tabus” (GAGLIOTTO, 2014, p. 112). O autor gerou antipatia social, ao estudar que o desenvolvimento da sexualidade é longo, e tem início com a constituição psíquica do sujeito.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, concluímos que o desenvolvimento da sexualidade para Freud, não se resume às etapas do desenvolvimento psicosssexual e, não somente na prevalência das zonas erógenas do corpo. O desenvolvimento da sexualidade representa, a partir das relações estabelecidas entre a criança e as pessoas que ocupam a função de materna e paterna, as inscrições no psiquismo; que permitem à criança a compreensão de que, além de um corpo biológico, ela precisa se reconhecer como um ser de importância para o outro (ZORNIG, 2008).

No espaço escolar promover debates e atividades que compreendam a sexualidade como inerente ao ser humano. Apontando a necessidade e a possível intervenção pedagógica para a garantia do direito humano de se expressar e de existir em todo e qualquer contexto, principalmente no escolar.

### REFERÊNCIAS

BIDAUD, Eric. **O que resta da sexualidade infantil?** Tradução: Fernanda Jourdan de Almeida Santos e Rev. Leandro de Lajonquière e Douglas Batista. 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/79851/83808>> Acesso em: 29 mar. 2017.

COSTA, E. R. & OLIVEIRA, K. E. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo.** Rev. Eletrônica do curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG. 2(11) 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20332/19287>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2016.

D’Andrea, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da Personalidade.** Ed. Bertrand Brasil, 2001.

Dolto, F. (1996). **No jogo do desejo** (V. Ribeiro, trad., 2a ed.). São Paulo: Ática.

FREITAS, D.L; CARVALHO, G.D & FÁVERO, M. **A Educação Sexual começa na infância:** sexualidade de 0 a 6 anos. EducaSex. Ed.1.2013.

FREUD, Sigmund (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** – Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.ook

\_\_\_\_\_. (1923/1925). **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos;** tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Teoria geral das neuroses** (1917). In: Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III 1915-1916) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância:** matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias. Tese (Doutorado). – Campinas, SP, 2009.

GAGLIOTTO, G.M.; FAUST, T.; SANTOS, A. B. **O deficiente intelectual e sua sexualidade, um estudo psicanalítico contribuindo para a ação pedagógica.** Congresso internacional interdisciplinar em sociais e humanidades. Niterói RJ: ANINTER - SH/ PPGSD - UFF, 03 a 06 de Setembro de 2012, ISSN 2316 – 266X.

\_\_\_\_\_. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância:** Matrizes Institucionais, Disposições Culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

NUNES, Cesar Aparecido; SILVA, Edna. **As manifestações da sexualidade da criança.** Campinas, SP: Século XXI, 1997. (Sexualidade e Educação).

NASIO, J. D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da Psicanálise.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Violência e Saúde.** Genebra: OMS, 2002.

SILVA, Edna Aparecida da. **Filosofia, Educação e Educação Sexual:** matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da Sexualidade Humana. 2001. 300 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ZORNIG, S. M. A. J. (2008). **As teorias sexuais infantis na atualidade:** algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, nº 1, p. 73-77, jan./mar.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338  
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390  
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

### B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

### C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

### D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398  
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310  
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388  
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

## F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

## G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

## H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

## I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

## J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

## **L**

Ludicidade 152

## **M**

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

## **N**

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

## **P**

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

## **R**

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

## **S**

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393  
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

## V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-609-6

